

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

É vital que se construa o campo de golf de Ofir. Ele constituirá um verdadeiro pulmão para a nossa terra onde três magníficos hotéis esperam que algo apareça para consolidação da sua sobrevivência. Já o genial Sousa Martins, na década de quarenta, trouxe à terra fangueira o reputado técnico escocês Mac Kenzie Ross que ao observar as condições excepcionais dos terrenos (paralelos à estrada da Bonança) declarou, na altura que se poderia construir ali o melhor campo da Europa. Afortunadamente o primitivo traçado concebido pelo homem que veio da Escócia mantém-se incólume, isto é, sem casas pelo caminho, e portanto, apto a receber os recomendados 19 buraquinhos para ficar *quase* um Campo de Golf.

Só que a Sopete, detentora do maior complexo hoteleiro de Ofir, pretende construir um outro «court» mas situado na Estela, num terreno que além de ter sido vetado pela Direcção Geral de Planeamento não reúne as excelentes con-

O CAMPO DE GOLF DE OFIR

dições (árvores e água à flor da pele) de Ofir. Quer dizer, o *quase* de Ofir na Estela é um *quasão*. Mas como a empresa poveira tem muita força política, e não só, o terreno da Estela, antes interdito, voltou a ser dado como apto. Malhas que a política tece... E os primeiros passos para o referido campo começaram já a ser dados. Por diligências da Câmara de Esposende existem presentemente dois grupos interessados também na construção de um campo de golf em Ofir e, segundo consta, as conversações encontram-se muito bem encaminhadas.

Voltamos a insistir que a existência de um *green* para a prática do golf é fundamental para a valorização e permanência dos hotéis da zona. Ofir representa hoje um empreendimento de muitos milhões de contos dificilmente reproduzível em outra qualquer localidade da Costa Verde. Continua a ser um polo de atracção turística internacional. Numa cadeia de televisão holandesa aparece um fadista fangueiro (o

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

Ernestino Morais Sacramento

(Continuado do número anterior)

Ao que parece, a revista «Barretes e Carapuças» deu brado e foi levada à cena várias vezes. Para não se repetir sempre a mesma coisa, foram-lhe acrescentados outros números como aconteceu em fins de Setembro de 1916.



Nesse espectáculo actuou, Aida Gomes da Costa, filha de António Gomes da Costa com algumas canções extras. Houve ainda um acto de variedades de que constavam os seguintes números: Leão da Sala (Ernestino Sacramento); Atrás do eléctrico (Manuel Ribeiro da Fonseca); É a tal coisa (Manuel Carlos Gonçalves); Amor de Mãe (Manuel Penetra); Está aqui este homem que viu (Cândido Alves dos Reis); A glória do Ernestino Glória (Alfredo Martins do Monte).

Em Fevereiro de 1917 já outro espectáculo estava em cena. Era a opereta «Os milhões encantados», adaptada do romance do «Farol Fãoense — História de um chantagista», por E. Veiga. Foi musicada pelo competente maestro poveiro Alberto Gomes e nela se incorporou uma orquestra de oito professores.

Personagens: Ernestino Sacramento — Fr. Pepe Mistério; Manuel Penetra — Conde Sinfónico da Cruz Quebrada;

(Continua na pág. 3)

Uma festa inolvidável

A favor do prémio escolar Prof. Pio Rodrigues

Foi uma festa linda aquela que se realizou na noite de 21 de Junho no Hotel do Pinhal. Estava para ser na Esplanada dos Bombeiros (amavelmente cedida para o efeito) mas o mau tempo obrigou à mudança para aquela unidade hoteleira cuja gerência se colocou também gentilmente à disposição dos organizadores: O Novo Fangueiro e Grupo dos Amigos de Fão.

Contra o que muitos profetizavam, a sala da *boite* encheu-se literalmente, embora se verificasse a ausência de algumas famílias de Fão, para quem *ir ao hotel* representa ainda um tabú insuperável. Pensarmos nós que na centúria de oitocentos a freguesia de Fão era a mais progressiva do concelho... Tempos que já lá vão!...

O espectáculo apresentou quatro momentos: Conjunto Seara Verde, Cantares de antigamente, Fados e Canções e Serenata de Coimbra.

O Grupo Seara Verde, actuando 40 minutos, fez uma exibição em pleno e a merecer muitos aplausos. Modinhas regionais são o seu forte, mas o grupo respira saúde, toca e canta com entusiasmo e «mexe» com a plateia. Eis os seus elementos: Armando Solinho (director artístico), viola; Armando Barbosa (um certain pourris), peça importante (viola também); Carvalho (ferrinhos), Jaquelina (solista), Rui Ferreira (acordeon) e Rui Sousa (viola). Esclarece-se que alguns destes elementos são multifacetados (tocam vários instrumentos) e quando o grupo se convencer (e agir em conformidade) que pode ir longe, vai mesmo longe. Para já estão a ser muito solicitados e a pesquisa e escolha para o seu repertório parece-nos muito feliz.

Seguiu-se um «tempo fangueiro» com os cantares das antigas revistas que hoje fazem

(Continua na pág. 4)

Editorial

(continuado da pág. 1)

Sérgio) a cantar, inserido num reclamo turístico de Ofir que está a ser transmitido diariamente na terra das tulipas. E os holandeses têm ocorrido em grande quantidade. Pode dizer-se que actualmente é deles que os nossos hotéis vivem.

No entanto os holandeses, e quem diz holandeses diz igualmente franceses, ingleses, alemães e americanos, perguntam aos operadores turísticos que lá vão vender Ofir: «muito bonito, sem dúvida. E golf, há?»

Ao Governo, nomeadamente ao Secretário de Turismo, que pela decisão de anular o que previamente estava anulado (terrenos da Estela) não parece ser tão isento quanto se faz proclamar, compete dirimir harmoniosa e superiormente estas diferenças, estas questunculazinhas bairristas, no pressuposto que as bolsas de turismo de uma região como é a Costa Verde deveriam reforçar-se umas às outras para benefício de todas. E neste capítulo a Sopete tem deveres especiais que resultam da concessão da zona de jogo em prejuízo das demais.

Obras de Saneamento

As obras de saneamento em Fão obrigam à abertura de valas nas ruas. Até aí muito certo. Só que quando se trata de voltar a «encher» as valas o serviço deixa muito a desejar.

Entendemos que deveria haver um maior cuidado no recalçamento da via, pois Fão é uma terra de turistas que tem de apresentar uma face sempre bem cuidada.

Salão de Cabeleireiro

A nossa prezada assinante Lealdina Silva inaugurou um novo Salão de Cabeleireiro na Rua das Cordas, ao Ramalhão.

Trata-se de um salão moderno, agradável, condizente com a afluência de banhistas que Fão regista nesta altura.

Estas iniciativas merecem todo o nosso apoio pois são elas que decisivamente contribuem para o progresso de Fão.

Assembleia de Freguesia

Sob a presidência do Eng. José Manuel Teixeira realizou-se na sede da Junta mais uma Assembleia de Freguesia (segunda).

Fundamentalmente a reunião teve por objectivo principal um comentário ao plano municipal do quadriénio em curso, 1986-89, no que à nossa terra diz respeito. Encarregou-se desse trabalho o secretário da autarquia, Prof. Manuel Nascimento que comentou todas as obras projectadas para Fão. Antes, tinha havido um qui-pro-quo entre este autarca e o membro da Assembleia, Manuel Vieira, mas, no final, acabaram por se cumprimentar muito desportivamente.

Outro membro da Assembleia, dr. José Madureira, sem escorregar nas diferentes tendências ali arreivadas, sugeriu à Junta que o nome do dr. Alceu Vinha dos Santos fosse dado a uma rua da vila. Esta sugestão foi unanimemente aceite por todos os presentes.

Dada a palavra à «assistência», foi lembrada ao Presidente da Mesa a inconveniência de marcar as reuniões para o princípio ou meio da semana.

Em resposta, o Presidente prometeu que de futuro a sugestão iria ser aproveitada.

XI ENCONTRO DOS V. G. JOCISTAS

No penúltimo domingo deslocou-se às Taipas um grupo de 73 pessoas da nossa terra, a fim de tomarem parte no XI Encontro das Velhas Guardas Jocistas que se realizava naquela vila.

Lembramos a propósito que o X Encontro realizou-se o ano passado na terra de Fão, tendo-se deslocado a esta vila algumas centenas de antigos jocistas.

Pagaram Assinatura

Arq.º Luis Pádua Ramos, Porto: 10.000\$00; Luiza Pádua Ramos, Porto: 10.000\$00; Maria Teresa Amoroso Nobre, Porto: 500\$00; José Alfredo Soares Madureira, Fão: 500\$00; Ruy Belleza R. Gomes, O. Azeméis: 2.000\$00 Dr. Joaquim de Barros Peixoto, Esposende: 1.000\$00; Casimiro Fernandes Matias, Lisboa: 500\$00; José Artur Saraiva Marinho, Fão: 1.000\$00; José Maria Fernandes Matias, Lisboa: 500\$00; Andrew James Cosgrove, Fão: 500\$00; João Nunes da Silva, Esposende: 500\$00; Rufino Ferreira Soares, Fão: 600\$00; Dr. Mário Basto, Porto: 500\$00; Sérgio Mariz Ferreira, Fão: 500\$00; Isménia Sá Pereira, Fão: 500\$00; Avelino António Santos Graça, Apúlia: 500\$00; António Cândido Bandeira dos Santos, Almada: 850\$00; João Francisco Fernandes, Fão: 500\$00; João Armando Gonçalves da Torre, Porto: 500\$00; António Gomes do Vale, Fão: 500\$00; Amândio do Monte Alves, Fão: 500\$00 José Sá Pereira, Fão: 500\$00; Manuel José Ferreira, Braga: 500\$00; Dr. Agostinho Reis, Esposende: 500\$00; Emílio Real Morais, Fão: 1.000\$00; Adolfo Morais, Fão: 1.000\$00; Constantino Araújo Esteves, Fão: 500\$00; António Dias das Almas, Esposende: 1.400\$00; Georgina Lacerda Viana, Fão: 500\$00; José Arantes Gomes, Fão: 500\$00; João Francisco Fernandes, Fão: 500\$00; Manuel Maria Gomes do Vale, Fão: 500\$00; Manuel Lopes, Fão: 500\$00; José Paulo Ferreira, USA: 1.000\$00; Raimundo Ferreira, Brasil: 1.000\$00; Dr.ª Maria Georgina Carneiro, Porto: 500\$00; Manuel Gonçalves Carvalho, Vigo: 1.000\$00; José Martins Correia, Espinho: 500\$00.

Novo Estabelecimento

Abriu em Apúlia um moderno e bem concebido Snack-Bar que é propriedade do nosso prezado conterrâneo Manuel Maria Gomes do Vale (Né d'Argentina) actual Director do Hotel Nélla.

A gerência será da responsabilidade de sua esposa e nós só desejamos um êxito total. E quando puder, abra cá em Fão um estabelecimento igual, tá bem?, se não a gente zanga-se.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES
estamos a construir um banco do futuro

ERNESTINO MORAIS SACRAMENTO

(continuado da pág. 1)

Cândido Reis — João Rocha Pedra; Antonino Borda — Velhaco; Artur Mata — Anita da Cruz Quebrada; Manuel Ribeiro da Fonseca — Judia.

Cenários do distinto pintor — João Leal; Guarda roupa e Cabeleireiro — Casa Borda e Filho.

Actuou ainda um grande corpo de coros.

Segue-se um longo período, toda a década de vinte, em que os jornais de Esposende não falam do teatro em Fão. Culpa dos correspondentes? Ausência de Ernestino para o Brasil?

Em 1931, mais precisamente em 31 de Janeiro, o Esposendense anuncia um espectáculo promovido pela troupe *Mari-quina*, sob o patrocínio de Antónino Borda e Pedro Pereira da Silva. «Abrilhanta o acto um grupo musical dirigido por Ernestino Sacramento».

Decorre entretanto a década de 30 e a partir de 1933 duas revistas surgem nos «ecrans» fangueiros com grande refulgência. São elas «Sem Fios» e «P'ra Frente». Permanecem em cena durante três anos. A parte feminina é constituída por crianças de idade escolar. Entre outras: Maria de Lourdes Ferreira, Dalila Saraiva, Cristina do Bom Homem, Virgínia Varvalho, Maria Adelaide Cardoso, Marizinha Evangelista, Engrácia Gonçalves.

Homens: Agonia Pereira, Quim Campos, Abel Vinhas e Neca d'Areia.

Em 1936 e a partir daí surgem novos espectáculos: «Manta de Farrapos», «Não se fala mais nisso» e «Recordar é viver».

Continuam a ser utilizadas adolescentes femininas: Maria Belo, Mirzinha Fontes, Arlete Fernandes, Gilda e Leda Calcada. Homens: José Carvalho, Zé Maia, António Troia, entre outros.

Do Esposendense de 31-10-1936 respigamos:

«Com quadros interessantíssimos (Manta de Farrapos) agradou imenso ao numeroso público que encheu por completo a vasta casa. Parabéns aos seus autores e duma forma especial a Ernestino Sacramento.

Continua irrepreensível o desempenho das pequeninas actrizes, bem assim como a execução da música sob a hábil regência de Carlos Turra».

É evidente que não citamos os nomes todos. São ligeiros apontamentos respigados aqui e além.

E, parodiando um dos números de «Barretes e Carapuças», a glória de

POR FALTA DE ESPAÇO

No próximo número daremos nota da Conferência do encontro entre o presidente da Câmara de Esposende e os Órgãos de Comunicação do Norte, para apresentação do Plano de Actividades do concelho 1986-89.

Ernestino Glória radicou precisamente nestes espectáculos da década de trinta, pois a alma de Fão está ali, naquelas letras, naqueles quadros, e na música também. O Ernestino ao fim de tantos anos de pisar o palco, depois de se familiarizar com as revistas de Lisboa, teve o mérito de seleccionar aquilo que melhor se identificava com as idiossincrasias fangueiras. Surgiram as revistas que constituem hoje um repositório básico de etnografia local. Trapinhos, Os serões da Tia Leonor, Escadinhas e tantas outras fazem parte do património cultural de Fão.

Não se podem deixar morrer essas cantigas. É verdade que Ernestino Sacramento teve no Zé Maia um dedicado cultor. Morto o Zé Maia outros — terão de continuar. Lembramos mais: não haverá na nossa terra qualquer associação que queira abalançar-se à gravação em disco das principais canções das revistas de Ernestino Glória? Mais que uma homenagem à sua memória era sobretudo o património cultural de Fão que ficaria enriquecido e conservado.

ROTARY CLUB DE ESPOSENDE

Transmissão de Tarefas

No dia 20 de Junho o Rotary Clube de Esposende viveu mais um dia festivo com a mudança de Direcção. Simplício de Sousa cedeu o lugar a Manuel Silva.

Como manda a praxe rotária, o Presidente cessante disse o que fez durante o seu mandato e lamentou aquilo que ficou por fazer. Por sua vez o Presidente entrante revelou que zonas de actuação iria preferenciar, dando relevo às actividades económicas, nomeadamente aos sectores de agricultura, hotelaria e pesca. Evidente que os rotários não vão praticar ou desenvolver a agricultura, a pesca e a hotelaria, mas vão lançar pistas, desenvolver estudos, promover acções no sentido de ajudar a conhecer melhor estes pontos base da economia do concelho. Este é o programa do Presidente Manuel Silva e o ambiente que ele sentiu à sua volta nomeadamente dos companheiros do seu clube, vieram dar-lhe a certeza que iria ser devidamente amparado na obtenção dos seus desígnios.

Esteve presente à reunião a vereadora municipal D. Laurentina Torres que igualmente colocou à disposição dos rotários de Esposende toda a colaboração da Câmara de Esposende para o que fosse necessário.

O Arcipreste de Esposende mais uma vez disse «presente» a uma festa rotária, movimento que o Rev. Padre Manuel Baptista de Sousa conhece bem, pois já lhe sentiu e continua a sentir a acção bem-fazeja.

AUMENTE O SEU COLESTEROL

Vamos continuar a fazer as diligências possíveis para o aumento do vosso colesterol. Hoje vamos ver uma receita simples e económica, como convém nos tempos que vão correndo:

PEIXE-ESPADA FRITO DE ESCABECHE

Depois de fritas as postas do peixe-espada, junta-se ao ozeite em que se fritaram (que não deve ser muito), uma cebola às rodela e uma folha de loureiro; quando a cebola estiver alourada, junta-se vinagre e leva-se de novo a certã ao lume, deixando ferver.

Forma-se assim um molho que se deita sobre as postas de peixe, colocadas numa vasilha de loiça ou num pirex.

E para a sobremesa, aqui vai um doce de fazer crescer ógua na boca e dar pulinhos o colesterol:

DOCE DE LARANJA

Ovos, 6; Açúcar, 250 gramas; Laranjas, sumo de 2 laranjas.

Põe-se o açúcar em ponto de espadana e deitam-se-lhe as gemas, bem batidas.

Deixa-se arrefecer e, quando estiver quase frio, junta-se-lhe o sumo das laranjas e as claras batidas em castelo.

Mexe-se tudo muito bem, até ligar.

Vai ao lume durante 15 minutos, mexendo sempre. Depois, deita-se numa travessa e polvilha-se com canela.

E por hoje é tudo, oxalá lhes agrade. Um abraço da vossa amiga

TIA MARIQUINHAS



Intervieram vários rotários durante o período de «actividades e comunicações» cabendo ao rotário do Clube da Póvoa de Varzim, Dr. Armando Saralva, fazer o «comentário final» à reunião.

Acaba de tomar posse como Presidente do Rotary Clube da Póvoa de Varzim o nosso amigo Anacleto Fernando Leitão, gerente da Agência da União de Bancos, sediada na nossa terra.

«Que não te seduzam os trabalhos fáceis. É tão belo fazer o que os outros recusam».

UMA FESTA INOLVIDÁVEL

A favor do prémio escolar Prof. Pio Rodrigues

(continuado da pág. 1)

parte do nosso património cultural. Deve dizer-se que este momento estava a ser aguardado pelos organizadores com bastante apreensão, pois já em cima da hora, na tarde de sábado, houve que pedir a colaboração do João Evangelista (guitarra) e por isso o ensaio final realizou-se mesmo à boca do sino, ou seja, enquanto o Grupo Seara Verde actuava em «palco», o João procurava acomodar a guitarra à voz das cantadeiras e vice-versa.

Afinal tudo correu bem. Aquelas canções de outras eras expressam adequadamente a alma fangeira e quase se poderá dizer que os genes artísticos incorporados nos fangeiros comportam *ab ovo* uma propensão para aquelas melodias. Dito de outra maneira: assim como um pato, quando pela primeira vez é lançado na água, logo começa a nadar, assim um fangeiro, quase sem dar por isso, está já a entoar: «Fã, linda terra minha...» Pelo menos aquilo «diz-lhe» alguma coisa.

«Ó Fão antigo
Torrãozinho sem igual...»

Assim começou a Laia (Eulália Barra Reis) a cantar, com uma voz repousada, melodicamente quente, um tanto nostálgica. A sala parou de respirar.

«És o mais lindo...»

Quando acabou foi um trepidar de palmas calorosas.

«Nós vamos todos os dias, se vamos,
De manhã quando se arrulha,
Lá por essas tomadas,
Buscar, para cozer fornadas,
Os feixinhos de fagulha.»

É agora a vez da Carmen Pedras da Silva (Kany) com os «Feixinhos de fagulha». Muito amorosa esta moça! De voz ladina, arregaçada, atrevida, ela provoca um frémito de emoção e de surpresa pela assistência que se meneia ondeante com o ritmo do suelto.

Ovação estrondosa.

Ó que tempos tão saudosos, raparigas,
Em que juntas fiávamos, ao serão,
E ao som de violas e cantigas...

Casamento

Na Igreja Matriz de Fão realizou-se o casamento de Maria de Fátima Alves do Vale com o dr. José Maria Dias. O noivo é natural de Ribelão. A noiva é filha do nosso prezado assinante Ernestino Miranda do Vale, actual sacristão da Igreja Matriz. Desejamos muitas felicidades.

O coro entoa os Serões da Tia Leonor. Jacinta entra em cena. Perfil delicado, ar impregnado da nostalgia, o seu tom dolente a espargir saudade provoca o silêncio e o *suspense* na sala:

«Nos tempos de rapariga
Eu fiava noite e dia
Com a roda na cintura
Hoje que sinto a fadiga
Do que dantes me ria
Hoje me causa amargura.»

Palmas de encantamento.

«As escadinhas
Assim catitas
Com estas chitas
Ficam lá bem.»

De novo a voz de Kany. Voz de ribeirinho a fugir por entre as fráguas, a Kany comove a plateia, entusiasma os assistentes, contagia a sala inteira. E tão temerosa que ela estava no princípio.

«Oçam a voz dos sinos
Oçam a voz de Deus...»

São «os sinos». Pôr de sol, trabalhos nos campos, tempo de Trindade, tudo isso essa nostálgica canção evoca. Silêncio que está a cantar a Dulce (Maia). O seu tom é diferente, nobre, magestoso. Ela não canta, trina. A sua voz assemelha-se a uma águia a vogar contra o vento, agora cedendo, logo reboando altaneia por toda a sala:

Quando tocam docemente,
Como um terno cantar,
Ou é boda ou baptizado
Que eles estão a anunciar...

Termina em apoteose.

Finalmente o «Fão, linda terra minha», a tal canção que é transmitida por cromosomas. É todo o coro que a entoa primeiro: os cantores já referidos, mais o Armando Solinho, o Armando Barbosa, José Manuel Cardoso, o Director de «O Novo Fangeiro» (para dar apoio moral) e ainda a Tia Lu (Lourdes Ferreira) repescada em meio da assistência. E depois foi o estender-se do «hino» a todo o mundo que estava na sala. É mesmo o hino nacional de Fão. Em cheio esta segunda parte.

Surge em cena o grupo do Porto, malta fiche do Banco Pinto e Sotto Maior, que veio tornar a festa mais cativante. Jorge Matos, em primeiro lugar, cantou de uma forma castiça, malandra, o fado lisboeta. Muita pinta, sim senhor! Artur Mota foi magistral, sobretudo na canção espanhola e finalmente Joaquim Fernandes foi só a voz espectáculo.

Zita Saraiva interpretou três fados de

Coimbra, qual deles o mais bem cantado. Voz bem timbrada, segura, dominante, revelou-se muito à vontade na cadência coimbrã. Uma surpresa para tantos.

A laia de intervalo, seguiu-se o Armando Solinho que brindou a assistência com a «Mula da Cooperativa». Voz troante, mímica excelente, desenhilhou-se a contento de todos, com a assumpção de várias personalidades: natural, feminina e... duvidosa.

Ail Ail ...
Por onde vás,
Rapaz ...

E a noite terminou com uma serenata de Coimbra, com todos os intérpretes trajando capa. Foram eles o já citado Joaquim Fernandes (voz de oiro) e ainda os violas e guitarras: Manuel Fernandes, Manuel Pereira, Miguel Assis e David Ferreira.

Uma noite verdadeiramente inesquecível.

NOTAS VÁRIAS

● O caldo verde foi confectionado pelo chefe António (António Viana) que estava só (ele, o caldo) uma delícia. Há já quem diga que se o «chefe» estivesse em Saltilo os «infantes» não teriam sido eliminados tão prematuramente.

Moral da história: os jogadores tiveram o cozinheiro que mereciam...

● Um grupo de bombeiros ofereceu-se para dar uma ajuda ou na Esplanada ou no Hotel. Eis o nome dos 6 magníficos: Alvaro Campos, José Morgado, José Moreda, Paulo Vale e Cândido Ribeiro (ainda não bombeiro).

● O Eng. Adelino Miranda do Vale desenhou para o quadro da Serenata uma paisagem de Coimbra com a Torre da Universidade e o tradicional pátio.

Saiu um trabalho perfeito.

Uma preciosa colaboração que nos apraz registar.

● Os últimos são os primeiros. Uma saudação muito especial para o dr. Carvalho Matos, a melhor aquisição fangeira dos últimos tempos. (O Abel da Costa não é uma aquisição: é já um fangeiro).

Pois o dr. Carvalho Matos ajudou-nos a resolver um problema que andava em mente há dois anos. Ótimo public-relations, ótimo executivo, melhor imaginativo, excelente alto-falante, a sua colaboração além de decisiva, foi imprescindível. E não desanime, doutor: às vezes uns golpes baixos doem que se fartam.

Mas não esqueça: verdadeiro homem é aquele que faz. Não o que desanima.

Contamos consigo para o dia 19 deste mês.

● No próximo dia 19 haverá uma nova festa a favor do Prémio escolar Prof. Pio Rodrigues.

Teremos de novo o Grupo Seara Verde e o Grupo de Cantares que colaboraram na festa anterior.

Do Porto vem o advogado portuense, dr. Normando Machado, antigo fadista de Coimbra que por si só é já um espectáculo.

Prémio Prof. Pio Rodrigues

Apresentamos a seguir uma relação das ofertas para o prémio em formação Prof. Pio Rodrigues.

Lembramos que se trata de uma iniciativa dos antigos alunos do saudoso Prof. José Pio Rodrigues, e que tem o patrocínio de «O Novo Fanguero», e do prestimoso Grupo dos Amigos de Fão. O objectivo é criar uma Fundação que terá por objectivo possibilitar os estudos a um aluno pobre. A meta a atingir para já são os 500 contos e numa segunda fase passa-se para mil. As inscrições estão abertas a todos quantos pretendam colaborar em tão nobre empreendimento. Seria a melhor maneira de honrar a memória do sempre lembrado mestre.

Queríamos destacar aqui o gesto da Bino-gráfica da Póvoa de Varzim que ofertou os trabalhos de tipografia necessários para a festa no valor de 2.400\$00.

Outras ofertas estão em marcha. Vamos mencioná-las no próximo número.

PRÉMIO PROF. PIO RODRIGUES

Armando Saraiva, 2.500\$00; Américo Saraiva, 1.000\$00; Aleixo Ferreira, 5.000\$00; António Gomes do Vale, 1.000\$00; José Luis Silva Ribeiro, 500\$00; António Paulo de Sousa, 500\$00; Ernestino Didier, 1.000\$00; Belmiro C. Gomes Viana, 1.000\$00; Manuel Joaquim Cardoso Sousa, 1.000\$00; José Manuel Borda Rodrigues, 1.000\$00; Manuel Joaquim Branco Costa, 1.000\$00; Norberto Manuel Mota, 1.000\$00; Adelino Miranda do Vale, 1.000\$00; António Teixeira Dias, 1.000\$00; João Armando Gonçalves da Tor-

re, 500\$00; José Manuel Teixeira A. Costa, 1.000\$00; António da Fonte Guafém, 1.000\$00; Manuel Real Morais, 1.000\$00; Irmãos Matias, 2.000\$00; António Sá Pereira, 10.000\$00; Jaime Cardoso Fonseca, 500\$00; Manuel Ramos Morgado, 1.000\$00; Salvador Neiva Barreiro, 1.000\$00; Vítor Fonte, 500\$00; Abílio Arantes Gomes, 500\$00; Francisco M. Agra da Venda, 1.000\$00; Manuel Deveza Sá Pereira, 1.000\$00; Major Albino Viana, 1.000\$00; Armando Reis, 1.000\$00; Manuel Gomes Soares, 1.000\$00; Sebastião Didier, 1.000\$00; Jesus Gomes Viana, 1.000\$00; Major Carlos Mendanha, 1.000\$00; António Torres, 3.000\$00; Festa do Hotel do Pinhal, 17.300\$00; Zita Saraiva, 1.675\$00.

Total: 67.475\$00. Despesas de correio: 1500\$00 que perfaz: 65.975\$00 mais 4.025\$00 de juros (bilhetes do tesouro) dá um total de 70.000\$00.

PELOS BOMBEIROS

NOVA VIATURA

No último sábado a Corporação dos Bombeiros de Fão recebeu uma Jeep UMM 4x4, de fabrico português.

Trata-se de um carro de desencarceramento próprio sobretudo para acudir a veículos que a se enfaixam uns nos outros após a violência de um choque.

ARRAIAL MINHOTO

Como tínhamos dito no último número, a Associação dos Voluntários de Fão abriu no sábado, dia 23 de Junho a época de arraiais minhotos que costuma realizar na sua esplanada.

Como sempre ocorreu muita gente, o entusiasmo foi enorme e até a afluência de estrangeiros foi notória. O espectáculo repete-se no próximo dia 12.

Uma carta de António Sá Pereira lida durante a festa

*Caro Armando Saraiva
Obrigado pelo teu convite para a «Noite de Fado em Fão». É-me impossível estar presente por assuntos inadiáveis da minha vida pessoal. Quero no entanto, expressar-te, bem como a todos quantos participem nessa festa, o meu profundo empenhamento nos seus objectivos.*

Aliás, desde o 1.º dia que me associei à feliz iniciativa de criar um prémio escolar «Professor José Pio Rodrigues».

Nunca será demais reforçar o desafio a todos quantos, como nós, receberam os sólidos ensinamentos deste insigne mestre.

Não é fácil esquecer-lo, tão nobre foi a sua missão docente. Mas para que a sua memória resida em todos, perenemente, e se transmita a gerações vindouras, são necessárias mais iniciativas que conduzam à angariação de fundos — garante do prémio escolar, sua aplicação e perpetuidade.

Fico incondicionalmente ao teu dispor e daqueles que, porventura, apresentem novas ideias e realizações.

Um grande abraço do

SÁ PEREIRA

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta colecção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra inovar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de profissões de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como de especialidade.

Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do esplêndido de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os dicionários de língua portuguesa, o mais completo e o mais atualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA LDA. Rua da Restauração, 365-4100 PORTO Cedex
Livraria ARNADO LDA. Rua de João Álvares, 37-4100 PORTO Cedex
BUP. L. FLUMINENSE LDA. Rua S. S. 204 - Niterói - RJ - 13000-000

DESPORTO

MAL VAI O FUTEBOL

Após a euforia de subida à 1.ª Divisão, os fangueiros fecharam-se em copas e assim nenhuma lista apareceu para dirigir o Clube de futebol, na assembleia geral ordinária, realizada no Clube Fãozense no sábado, dia 5 de Julho.

Nem apareceu lista, nem sócios em número minimamente razoável nem a Direcção na sua totalidade, salvo a Assembleia Geral que apareceu completa: Dr. Armando Saraiva, Adelino Saraiva e Belmiro Viana.

Foi lida a acta da sessão anterior sem constelações. O relatório da Gerência também foi pacífico. O acto de eleição foi adiado para a sexta, dia 11 de Julho. O Presidente

da Mesa fez um veemente apelo aos presentes e aos ausentes para que não deixassem morrer aquilo que os antigos criaram. Os habitantes de Fão vivem apáticos, sem chama e assim Fão está lenta mas paulatinamente a ser ultrapassada pelas freguesias do concelho.

Será assim? Os fangueiros têm a palavra.



A equipa do C. F. de Fão que acaba de ingressar na 1.ª Divisão da A. F. de Braga

Durante a reunião o associado Nuno Carreira deu a boa nova que uma firma havia oferecido 24 pares de chuteiras à equipa de Fão.

Entretanto espera-se que a próxima registe uma maior afluência de associados. O futebol em Fão pode estar ferido de morte.

Longa Vida

o que é bom da natureza

2.ª Maratona Cávado Verde

Com o patrocínio do Clube Fãozense e da Federação Portuguesa de Canoagem vai realizar-se no próximo dia 20 de Julho a

2.ª Maratona do Cávado Verde, a contar para o Campeonato Nacional de Canoagem, nas modalidades: K1, K2, CI e CL.

Trata-se de uma prova com bastante projecção e espera-se por isso uma boa imagem dos nossos atletas.

Canoagem

Voltamos de novo à carga com o subsídio de 120 contos à canoagem. Ele foi o ano passado prometido à secção de canoagem do Clube Fãozense e difundido pelo órgão oficial da Câmara.

O certo é que o ano findou e o subsídio não chegou. Na última assembleia municipal o deputado Manuel Vieira interpelou o P. da Câmara acerca do subsídio. Resposta: Chegou a esta Câmara notícia de que a secção de Canoagem tinha um depósito a prazo. Nessa medida...

Afiança-nos, porém, o responsável pela secção de canoagem que tal notícia não tem fundamento. E nós fazemos fé. Mesmo que fosse verdade, poderia ser que esse depósito aguardasse outras ofertas para a compra de um barco, por exemplo.

Não é o caso, porém. Entendemos que esse subsídio deve ser entregue, pois seria uma forma de estimular uma simpática e louvável modalidade.

Fanfarra ainda mexe

É verdade. Ainda há dias foram oferecidas a esta simpática agremiação 40 camisas, por Joaquim de Freitas.

Todos gostamos de ouvir a Fanfarra e é certo e sabido que quando ela vem à rua, o povo vem igualmente à janela a fim de ver o grupo passar.

Só que, entendemas, não deve a Fanfarra sair fora, por tudo e por nada.

Ainda no sábado, dia 28 de Junho, isso aconteceu. A Fanfarra passeou-se pelas artérias fangueiras. Ra-ta-plan-plan-plan.

O que seria? Que evento se comemorava? Quem estava em festa?

Nada disso. Havia desafio de futebol, Fão-Varzim, e era necessário chamar gente...

Mal feito. Isto é uma maneira de vulgarizar o grupo e por isso ele só perde.

Todas as coisas devem revestir-se de uma certa dignidade.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création

ARMAÇÕES
OCÚLOS SOL



Do Céu à Terra

Era assim, naquela manhã de Abril, no Monte de S. Lourenço. Mais perto do Céu, cá em cima onde as nuvens por vezes nos acariciam o rosto, o olhar perde-se lá por baixo, à procura de um ponto de referência para a nossa orientação. Os povoados mais pareciam pequenos rebanhos à procura de alimento naquela extensa pradaria verdejante.

A Capela de S. Lourenço, ao meu lado, assemelhava-se a um pastor olhando os seus rebanhos que a seus pés pastavam.

Tudo naquele dia era diferente; o frondoso pinhal, ergula-se para os céus, como que a dar graças ao Criador. No ar pairava o odor a resina que confundindo-se com o aroma puro do eucalipto, penetrava em nossos pulmões como um néctar.

Ao longe avistava-se o imenso oceano que com as suas ondas acariciava as finas areias da praia, onde um barco se perdia no horizonte.

Fiquei ali, parada, sem poder desviar o olhar daquele cenário vivo e maravilhoso.

Ao descer o referido Monte o meu olhar, como sempre atento a tudo, fixou-se num menino de idade escolar, de pau na mão à frente de dois animais que pastavam descontraidamente. O menino, de queixo pousado no topo do pau, parecia não dar por mim. O seu pensamento concentrava-se num mundo distante, onde só ele poderia entrar. Talvez um Mundo de Paz e Fraternidade. Olhando este cenário, meditei:

Oh tu! Pequeno Pastor,
Que seguras o cajado, a meditar,
Por certo das Graças ao Criador,
E Lhe pedes força, para lutar.

Serás Homem, sem nunca teres sido
criança,
Sem nunca teres tido a meninice que
merecias,
Trabalhas noite e dia com a esperança
De que o mundo um dia, será o que
querias.

Prossegui na minha viagem até chegar ao lugar onde o oceano engole as águas tranquilas e serenas do majestoso Cávado. Observei atentamente a faina diária de homens que, para conseguirem um escasso alimento, arriscam as suas próprias vidas. Na lota, assim denominada pelos habitantes, já se amontoavam pessoas para a compra diária do peixe.

Ao longe, numa faixa estreita e avermelhada, elevava-se aos céus um grandioso edifício, o Farol que nos dias de tempestade, acendendo uma luz, auxilia os navegantes rumo à terra.

Naquele ambiente de solidão e ao mesmo tempo de confusão, onde diversas pessoas, de diferentes classes sociais e oriundas por vezes de diversas localidades e quem sabe, de diversos pontos do globo, exerciam ali as suas actividades e viviam o seu dia a dia. Eu olhava tudo ao meu

redor, curiosa em observar mais a fundo os factos. A paisagem, o dia a dia das pessoas desta localidade. Interessava-me por todos os acontecimentos, do mais pequeno ao mais importante.

Queria viver no mesmo mundo daquelas pessoas, desta terra tão acolhedora: O mundo do pequeno Pastor, o mundo dos pescadores, o mundo das gentes. Gostaria de saber o que se passava dentro de cada um.

Meditava, pensativa, com os olhos postos na imensidão de todos os acontecimentos, pois no minha mente tudo era como imagens reflectidas do subconsciente.

De repente, alguém me chamou à realidade. «MENINA, por favor uma esmolinha!»

FALECIMENTOS

Com 84 anos faleceu em Fão Amélia Moreira de Sousa, a famosa Amelinha, que sempre conhecemos como criada ao serviço do Coronel Baptista. Morto o dr. João Baptista, a Amelinha continuou com a Viúva até à sua morte. Depois ficou só, mas tendo em atenção os serviços prestados e a grande amizade de Amelinha aos seus patrões de sempre, os familiares cederam-lhe a casa de Fão para aí permanecer até ao fim dos seus dias. Cederam-lhe a casa e ajudavam-na tanto quanto a velha criada necessitava. E a Amelinha vivia feliz. Beijoqueira até ao fim do mundo. Nós pensávamos que detínhamos o record (5 beijos de cada vez) mas um dia demos com ela a beijar uma criança com 6 «chochos».

Não contávamos que morresse tão cedo. Ainda uma semana antes, ao balcão da Rita nos rimos com as suas facécias. Os seus 84 anos não eram de flor.

Amelinha: os últimos cinco beijos.

Em 19 de Junho falecendo no Hospital de S. João, no Porto, onde se encontrava em tratamento, Manuel Gonçalves Novo de 74 anos de idade.

À Família e de um modo especial a seu filho Júlio, nosso prezado assinante, os nossos pésames.

Olhei e vi uma pobre velhinha, simpática, mas mal vestida, com reflexo na sua enrugada face de quem lhe faltava tudo. Como seria bela há muitos anos, pensel.

Foste Menina, foste Moça,
Foste Formosa e Amada,
Foste Candura e Vaidosa,
Foste a Beleza Sonhada.

Foste Moça Enamorada,
Viveste sonhos de Amor,
Não te resta mesmo nada,
Só o sofrimento e a Dor.

Com toda a turbulência e agitação do Mundo da Terra, as gaivotas no Céu esvoaçavam rumo ao mar.

SOFIA ALEXANDRA COSTA
MARQUES DA SILVA
(13 anos)

© NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Cecília Paixão Amorim
Dinis de Vilarelho
Sérgio Mendanha
Quim Muata

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

★ ★ ★ ★ ★

estalagem
PARQUE
DO RIO

OFIR
PORTUGAL



UM LUGAR TRANQUILO

Tel. 961521-2-3-4 — Telex 32066



por ZINHA

Um altifalante, apesar da tarde fria e chuvosa, anunciava um espectáculo a realizar no edifício dos Bombeiros Voluntários. Haveria serenata de Coimbra, melodias fangeiras, caldo verde... Coisas tão do gosto das gentes de Fão, mas... a noite adivinhava-se pouco convidativa, fria e de água. Então, preocupados, os organizadores conseguiram que esse serão se realizasse no Hotel do Pinhal e assim tudo foi fácil. Pena que não estivesse mais gente da nossa terra, pois, acima de tudo, tratava-se de angariar fundos, para a instituição dum prémio — prémio professor Pio Rodrigues — a contemplar alunos que, sem recursos, mas com capacidades, aspirem prosseguir os estudos. Antigos alunos do «Sr. Professor» têm colaborado e, segundo creio, outras actividades se seguirão, para que se torne realidade este anseio de muitos.

E depois, este convívio foi muito agradável, o ambiente bom, muitos estrangeiros à mistura, bebendo o nosso vinho verde e saboreando o caldo ver-

Sinfonia da noite

No charco sossegado,
Circundado de juncos pontiagudos,
Um quinteto de rãs com sons agudos
Torna a água cantante;
Na sebe esmeraldina
Um rouxinol talvez enamorado,
Toca na sua lira;
No tapete odorante da campina
Uma orquestra de grilos sibilante,
Quase que dança um vira,
Que a batuta da brisa perfumada
Rege na noite escura,
Até chegar a branca madrugada.

E como um violino imenso, o charco,
Os juncos são o arco
E a lua cheia é a partitura
Por onde cantam à porfia
Os componentes desta sinfonia.

DINIS DE VILARELHO

de também, enquanto não perdiam nenhuma das canções, nem o «fadô»!

Um punhado de «artistas» da nossa terra interpretou aquelas melodias tão velhinhas e que esperamos continuem a passar de geração em geração.

Quem não sentirá uma forte emoção ao ouvir cantar com sentimento e entusiasmo: «Ó Fão, torrãozinho sem igual»...? Quem ficará indiferente ao som do «Fão, linda terra minha, tu és a rainha que não tem igual»...?

Era ver, neste serão, como os fangeiros presentes participavam nestas melodias, fangeiros e... não só! Dizia-me no fim uma senhora convidada pelo «Novo Fangeiro»: — É verdade, Fão, tem qualquer coisa de envolvente...

Oxalá estas vozes não se cansem de cantar, que haja sempre meia dúzia que perpetue as gargantas já mortas e os peitos que já não conseguem arfar.

E o serão continuou! E a D. Zita cantou o «seu» menino é d'oiro, como é d'oiro a sua voz, que a todos prendeu!

O nosso conjunto «Seara Verde», as canções populares, as vozes afinadas e até o nosso bombeiro treze, inesperadamente, assobiando como o passarinho! Realmente, só mesmo do povo de Fão!

E a serenata de Coimbra, feita por funcionários do Banco Pinto & Sotto Mayor do Porto fechou em beleza «este bocadinho». E ao ouvir: «Linda rendilheira, deixa a travesseira, vem ouvir cantar»..., recordei a voz de Diamantino Pelica que tão bem interpretava este fado. E vi outras caras e senti outras vozes, vivi outros espectáculos e senti tantas, tantas perdas!

Mas, ó Fão, tu serás sempre cantado! Onde houver um fangeiro, quer no Hotel, nos Bombeiros, no Clube, no Cortinhal, ou num dos nossos pátios ou cangostas, ele sempre, com emoção, entoará:

*Fão, terra d'encanto
Eu quero-te tanto
Como à minha mãe!*

O Mundo em que vivemos

O Queimar dos Heróis

Uns eram de Agueda, outros da Anadia. Eram 13. Heróis, como todos aqueles que arriscam a vida para salvar vidas e bens alheios.

Eram, em grande parte, jovens e, ao acorrerem sem hesitar ao incêndio que atingiu várias freguesias do concelho de Agueda, fizeram-no corajosamente, alheios ao risco que corriam.

Acontece, porém, que o foogo, ateados simultaneamente em três lugares diferentes, transformou-se, por obra do vento, numa única e gigantesca fogueira.

A fatalidade estava ali. As Corporações de Bombeiros de Agueda e Anadia também. Venceu o mais forte: as chamas cercaram-nos e 13 dos abnegados soldados da paz não conseguiram alcançar a única hipótese de salvação: as águas do rio Agueda.

Um dos corpos foi encontrado calcinado, a escassos metros do rio, caído de bruços, as mãos estendidas para a água, tão próxima e tão inatingível.

Mas nem só os bombeiros pereceram: também um ex-emigrante lá ficou, acompanhado de um amigo e de um sobrinho de 13 anos, ao acorter à chamada telefónica de uma sua filha, moradora numa das localidades afectadas pelo fogo, que pedia auxílio ao pai, sem saber que o chamava para a morte.

Foram 16 vidas que se perderam. Não há comentários a fazer. As grandes tragédias, as imerecidas tragédias, não se traduzem em palavras, não cabem em comentários banais.

Apenas aqui deixamos uma pergunta: — Até quando as nossas florestas, os nossos campos, as nossas casas, arderão como tochas?

Até quando baixarão à terra, nos seus modestos caixões, os restos carbonizados daqueles que, poucas horas antes eram seres estuantes de vida, a quem as sinistras e implacáveis labaredas roubaram o direito de viver?

E. Real

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO